

Festa e Cidade: poéticas entrecruzadas

Celebration and City: poetics interruiused

Frederico Luiz Moreira



Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/pontourbe/10279>

DOI: 10.4000/pontourbe.10279

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Refêrencia eletrónica

Frederico Luiz Moreira, «Festa e Cidade: poéticas entrecruzadas», *Ponto Urbe* [Online], 28 | 2021, posto online no dia 28 julho 2021, consultado o 31 julho 2021. URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/10279> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.10279>

Este documento foi criado de forma automática no dia 31 julho 2021.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

Festa e Cidade: poéticas entrecruzadas

Celebration and City: poetics interruiused

Frederico Luiz Moreira

NOTA DO EDITOR

Versão original recebida em / Original Version 27/04/2020

Aceitação / Accepted 07/03/2021

CAMINHO[S]

[...] a festa, coisa pública e domínio da rua,
favorece a hibridização de códigos [...].

Léa Freitas Perez

- 1 Para além dos olhares que circundam ruas e becos, as camadas de experiência, acessos e errâncias sobrepõem-se, com o passar do tempo, nos espaços da *urbe*, desenhando suas poéticas, seus silenciamentos, resistências, pactos e vozes. Entretanto, por meio desses mesmos olhares que cingem seus entornos, cultivo a tendência de sempre observar uma cidade, de forma particular, durante três dias específicos, há quase dez anos. O dia em que nela antecede um acontecimento; o dia em que, de fato, ele acontece; e o dia posterior ao nela ocorrido. Falo da festa pública, mais propriamente a de cunho religioso e popular capaz de transformar a inércia da cidade interiorana e torná-la palco, imagem e representação de calendários canônicos; mas, sobretudo, por destituir-lhe a definição de coisa feita para lhe agregar a dimensão de uma *cidade em devir*.
- 2 A polissemia das narrativas das festas suscitam notoriedade no trato do olhar, na sensibilidade em que se podem enxergar as [re]elaborações, as possibilidades, dentre os diversos caminhos e discursos, da festa na rua, dos possíveis cenários, de seus sujeitos e

modificações mesmas, tal como nos dizia Sandra Pesavento (2007:14), “A cidade é objeto da produção de imagens e discursos que se colocam no lugar da materialidade e do social e os representam [...]”.

- 3 Este artigo visa experimentar e explorar aproximações gradativas na cidade, por meio de intensas perambulações realizadas pelo centro histórico da cidade de Sabará, em Minas Gerais, durante a festa católica do *Corpus Christi*¹, quando observei imagens e nuances de cores e formas, ranhuras que demarcam vestígios de acontecimentos que se descamam na medida em que essa cidade se apresentava. Tal como um fenômeno que se revela “[...] pela percepção de emoções e sentimentos dados pelo viver urbano e também pela expressão de utopias, de esperanças, de desejos e medos, individuais e coletivos, que esse habitar em proximidade propicia” (Pesavento 2007:14). É isso que essa escrita oferece: transportar o leitor para aquilo que meus sentidos apreenderam, e, nesse mesmo movimento, convidá-lo mediante ao vivido e, por análises e reflexões, a permear travessias e notar aquilo que foi transformado, na cidade, por intercessão de uma festa.
- 4 No decorrer dessa caminhada, serão constituídas correlações entre a festa e a cidade como um possível panorama para perceber as poéticas presentes em seus entrecruzamentos. Quase sempre me atendo às festas populares de caráter religioso, celebradas ao longo de seus tempos cíclicos e em diferentes coletividades. Contudo, este conteúdo toma como base um recorte de minhas experiências de pesquisas, em campo, ainda no Mestrado em Educação², e no presente doutorado, em Antropologia Social. Nessas investigações, empreendi reflexões sobre as demandas simbólicas, estéticas e performáticas presentes na ornamentação da festa católica do *Corpus Christi*, com seus tapetes de serragens, pelas ruas onde ocorrem a celebração e a procissão dos fiéis.
- 5 Da mesma forma que Mario Goldman (2003), estabeleci uma “leitura” durante idas e vindas, de curtas visitas em um longo período (Goldman 2003), que culminaram na referida festa. Nesse sentido, trata-se mesmo de uma “etnografia em movimento” e de um “envolvimento cumulativo e de longo prazo” com o grupo estudado (Goldman 2003:455), o que, como o próprio autor aponta, não dispensa e nem se opõe à forma tradicional de Malinowski (1978). O que o autor nomeia de “catar folha”:

[...] alguém que deseja aprender os meandros do culto deve logo perder as esperanças de receber ensinamentos prontos e acabados de algum mestre; ao contrário, deve ir reunindo (“catando”) pacientemente, ao longo dos anos, os detalhes que recolhe aqui e ali (as “folhas”) com a esperança de que, em algum momento, uma síntese plausível se realizará [...] (Goldman 2003:455).
- 6 Adotar a cidade como ponto de reflexão sobre os processos sócio-históricos, estéticos, mnemônicos e sensíveis, a partir do uso das festas, compreende movimentar, tencionar significações e múltiplas temporalidades de camadas de experiências sensíveis, materialidades, recordações, forças sociais, políticas, religiosas e, sobretudo, antropológicas. As camadas temporais sobrepostas, a justaposição de *tempos*, de atribuições e apreensões sensíveis presentes no texto, de forma metafórica, tomaram como base teórica os aportes de Sandra J. Pesavento (2004; 2007), que desloca a cidade do status de lócus para objeto de reflexão e estudo. Da mesma forma, adoto, com a autora, a figura do *palimpsesto* para simbolizar a aproximação do passado da cidade – lugar nos quais vários escritos e leituras coexistem.

[...] é uma imagem arquetípica para a leitura do mundo. Palavra grega surgida no século V a.c., depois da adoção do pergaminho para o uso da escrita, palimpsesto veio a significar um pergaminho do qual se apagou a primeira escritura para

reaproveitamento por outro texto. A escassez de pergaminhos nos séculos de VII a IX generalizou os palimpsestos, que se apresentavam como os pergaminhos nos quais se apresentava a escrita sucessiva de textos superpostos, mas onde a raspagem de um não conseguia apagar todos os caracteres antigos dos outros precedentes, que se mostravam, por vezes, ainda visíveis, possibilitando uma recuperação [...] (Pesavento 2004:26).

- 7 Como as sensibilidades articulam um *outro no tempo* e um *outro tempo*, fazendo o passado existir no presente, a autora estabelece que “as sensibilidades corresponderiam a este núcleo primário de percepção e tradução da experiência humana” (Pesavento 2005:1). Assim, as reflexões que serão apresentadas conjecturam corresponder a outras lógicas e a princípios não racionais, relacionados ao campo do sensível, subjetivo e emocional. Essa vivência na própria cidade, pelo uso da etnografia, pressupõe o encontro com esse *outro e com outro lugar* na pretensão de ressaltar a força histórica e formadora da cidade. Para entender a poética de suas ruas e marcas, estabeleço diálogos com Ítalo Calvino (1979), a fim de encontrar nas cidades ocultas, sua potência plural para capturar a cidade, por meio de uma festa.



FIGURA 1 – POÉTICAS ENTRECruzADAS – VISTA DA RUA DO CARMO, SABARÁ/MG.

Fonte: autoral 2015.

8

CIDADE[S] EM FESTA

- 9 Em imersão no velho centro histórico de Sabará, nome de várias interpretações, algumas delas corruptelas do tupi-guarani *sabaá* que significam: enseada, meandros ou “curva de rio”; e, de *Itaberabuçu*, que significa montanha brilhante, em alusão a suas serras; caminhei lentamente, observando, no agora, o atual discurso dessa cidade. Enquanto ecos do passado se misturavam às marcas do presente, observava os detalhes de um carro que diminuía a velocidade ao trafegar pela antiga Rua Direita, atual Dom Pedro II³, para que uma senhora, com seus boletos lotéricos, atravessasse para a

calçada. Nessa construção do olhar, num sentido mesmo de me deslocar pela velha cidade de pouco mais que trezentos anos, um pipoqueiro, que aos gritos repetia: “Olha a pipocaaaa, três reais!... Olha a pipocaaaa!”, me fez usufruir de uma experiência benjaminiana, por que não Merleau-pontiniana, quando esse autor expõe que a percepção não acontece devido a uma ação mental; mas quando resgatamos o modo de existência das coisas que nos são apresentadas como formas de apreender o mundo (Merleau-Ponty 1945).

- 10 Numa rápida olhadela, fitei as pedras gastas do chão à frente de um casarão do século XVIII, com suas grandes portas e janelas azuis, e cogitei que “nos arredores da metrópole mineira, esconde-se uma cidade barroca: Sabará” (Moreira 2017:76). Uma cidade calcada pela cobiça por ouro, que ainda no século XVIII, especificamente em 1711, teve a visita de Antônio de Albuquerque, que fundava a Vila Real de Nossa Senhora da Conceição do Sabará, dois anos após o fim da Guerra dos Emboabas (1707-1709)⁴.
- 11 No alto, acima dos telhados, via outros telhados – sempre acima – numa subida em que os olhos caminhavam até encontrar sinos, cruzeiros, montanhas e o céu azul. De tal modo, nesse momento, busquei me sensibilizar para apreender seus espaços na ocasião que antecedia a festa, como um leitor ao olhar pequenas letras (Barros 1996), para ler Sabará como um texto, pois “o olhar percorre as ruas como se fossem páginas escritas: a cidade diz tudo o que você deve pensar, faz você repetir o discurso e enquanto você acredita estar visitando [...], não faz nada além de registrar os nomes com os quais ela define a si própria e todas as suas partes” (Calvino 1979:9).
- 12 A visão poética da cidade, descrita na obra de Ítalo Calvino, *Cidades Invisíveis*, acompanhou-me como um mapa enquanto andava pelas ruas do centro histórico de Sabará, fitando as modificações e representações de seus sítios. Possíveis imaginários que instituíam as “várias urbes” – como uma cidade *em devir*: “[...] o que se imagina possível e um minuto mais tarde deixa de sê-lo” (Calvino 1979:16). Cidade(s) preenchida(s) por particularidades. Talvez, em muitas delas, seja comum visitar suas delicadas e antigas igrejas ou câmara, e seus lugares incomuns, como seus cemitérios e seus espaços baldios, que pouco podem nos seduzir, mas que muito podem nos dizer, em meio a um estranhamento, sobre seus silêncios. É provável, que também se ouçam algumas narrativas do passado numa prosa com os moradores mais velhos. Por que não as histórias de um local onde antes era um antigo cinema, ou, como no caso de Sabará, de um chafariz que trará de volta à cidade quem de suas águas beber? Seja como for, assim como convencionou Ítalo Calvino (1979), a cidade é composta por diferenças, por desejos e olhares ímpares: tal como seus habitantes.
- 13 Nessas “cidades invisíveis” (Calvino 1979), que, no dia de uma festa, parecem sair de sua invisibilidade, ao serem recriados ritos, cultos, cortejos; percebi a rua e a efervescência crescente do processo de composição da festa, que remete ao que diz Lana Mara de Castro Siman (2013) a respeito da leitura das cidades, na perspectiva da história cultural e das sensibilidades:
- [...] ler a cidade no presente, na sua relação com o passado e o futuro, requer o desenvolvimento das sensibilidades auditivas, visuais, táteis (e por que não olfativas?); requer a observação das minúcias, [...] pelas camadas do tempo que se declaram e se indiciam na sua materialidade e simbologia (Siman 2013:47).
- 14 Na possibilidade de notar tais diferenças, as de um percurso em transformação, foi possível perceber, não uma, mas *várias cidades*. Uma delas foi observada em seu

cotidiano, no ritmo dos afazeres corriqueiros: da venda que abre as portas pela manhã à senhora que varre o chão à tarde quando o sol se põe. Entretanto, outras cidades também foram notadas, dessoterradas em meio à mecanicidade dos trajetos: a “cidade-corpo”, a “cidade-festa” e a “cidade-palco” em espetacularização diante do desfecho religioso. Cidades que puderam ser novamente [re]encontradas, a partir do exercício de deslocamento de olhar para ver (Barros 1996) e de um desfolhamento histórico (Pesavento 2005), no esforço de percebê-las como um *palimpsesto*, em que sempre “outra cidade desvela-se no extraordinário do cotidiano” (Siman 2013:42).

- 15 É nelas, *nas cidades*, que há uma “[...] superposição de camadas de experiência de vida que incitam ao trabalho de um desfolhamento, de uma espécie de arqueologia do olhar, para a obtenção daquilo que se encontra oculto, mas que deixou pegadas, talvez imperceptíveis, que é preciso descobrir” (Pesavento 2005:26).
- 16 Mediante essas descobertas, surgia, assim, a “cidade-corpo”, demarcada pela presença e pelo desenho dos sujeitos que por ela deslocavam-se; agachavam-se; movimentavam-se, mesmo que parados; encostavam-se em postes, muros, batentes e instituía-m-se em presenças, olhares, cheiros, cores e tamanhos; tracejavam novas rotas e nelas reencontravam antigas. Alternavam-se de passantes, para caminhantes, viajantes para transeuntes, de ambulantes a andarilhantes. Silva Filho (2003) compõe uma distinção entre o caminhante e o passante, em que o primeiro perambula sem destino, sem pressa ou compasso, e o segundo, o passante, desloca-se para um destino específico, cronologicamente imposto “deliberadamente desatento ao espaço urbano, não tem a intenção de desvendá-lo. Ao contrário, sua intenção é a de percorrê-lo sob a conduta do tempo moderno, promovendo uma pobreza de experiência” (Siman; Silva; Moreira 2017:58-59).
- 17 Nessa *cidade*, as diferentes experiências que o corpo efetua e acumula nos espaços de suas ruas, que são interpretadas e apropriadas por seus usuários, alteram-se no movimento de dos corpos ao usufruir dos lugares, como praticantes da cidade, como bem elucida Paola Berenstein Jaques (2009) em seu texto “Corpografias Urbanas: A memória da cidade no corpo”. A autora expõe que essas vivências diferem em intensidade e temporalidade, podendo ser decifradas a partir das experiências corporais sensório-motoras, que constituem um tipo de mapa, não de uma visão aérea; mas, de dentro, uma vez que: “A cidade é lida pelo corpo como conjunto de condições interativas, e o corpo expressa a síntese dessa interação, descrevendo, em sua corporalidade, o que se passa a chamar de *corpografia urbana*” (Jaques 2009: 130). A autora também relata que a corpografia urbana pode ser estudada tanto no interesse de compreender memórias corporais que resultam de investidas, de experiências em espaços, quanto para apreender as memórias espaciais registradas no próprio corpo, mediante as vivências urbanas. Essas experimentações, no entanto, nem sempre obedecem à orientação urbana, pois tanto o corpo quanto a cidade resistem, moldados por experiências resultantes de inúmeras inscrições que revelam e denunciam as micropráticas cotidianas, os entrecruzamentos e as relações outras.
- 18 Numa outra *cidade* – na *cidade-festa* – a plasticidade dos ornamentos que compunham seus cenários constitui um novo exterior. Novo, porém, paradoxalmente antigo; uma vez que evocavam os mesmos feitos de uma tradição que vinha a ser centenária, mas que em sua ressonância (Gonçalves 2007) ressignificava sujeitos e lugares. Na instauração da festa, indaguei-me: 1) Como os moradores participantes da festa do *Corpus Christi* percebiam as modificações ocorridas na e pela festa? 2) Como, por

intervenção da festa, seus sujeitos lhe atribuíam sentidos e significados ao serem recriados comemorações, comitivas e rituais? 3) O tempo, o espaço, as relações sociais eram ressignificados a partir dos tempos festivos? Enfim, para além desses questionamentos, investigar se, nas alegorias dessa *cidade*, os sentidos diacrônico e sincrônico (Amaral 2012), isto é, a temporalidade e o que a situava num dado momento histórico com ele se relacionando, possuíam direta relação com seus contextos e motivos.

- 19 Na *cidade-festa*, a partilha entre algo comum era efetivada a fim de celebrar, ritualizar, lembrar, entreter, expor, exaltar, aclamar, transgredir, celebrar, resgatar, recriar, sobrepôr, despedir, ou simplesmente relacionar sujeitos ou coletividades. Se a cidade é compreendida, dentre outras formas, como uma construção social e temporal (tanto quanto a festa), sua lenta ou rápida construção pode ser notada ao observarmos os acontecimentos que a envolvem, seus enredos, tomando-os como focos para perceber suas alternâncias. Para entender essas nuances temporais ou as histórias e as singularidades nas celebrações de grupos; inicialmente, observei as modificações em prédios, praças, vias e ruelas de sua gente. Em seguida, analisei o quão porosa era a cidade em relação a festa. Depois, ao passo em que ambas se apresentavam uma à outra, se havia alguma resistência, ou não, nesse encontro. A festa maquiou e vestiu a cidade com suas bandeirolas, suas fitas coloridas e suas rendas em tons pastel, tornando-a outra, dando a ela diversas possibilidades para que seus espaços, nesses tempos festivos, se definissem como reinvenções de cotidianos ordinários (Certeau 2005), já que, Sabará

[...] é fruto do pensamento, como uma cidade sensível e uma cidade pensada, urbes que são capazes de se apresentarem mais 'reais' à percepção de seus habitantes e passantes do que o tal referente urbano na sua materialidade e em seu tecido social concreto (Pesavento 2007:14).

- 20 Composições que ornamentam as ruas, local do transitório, em uma festa religiosa sempre expressam o cuidado com o espaço, já que esse lugar permitirá o encontro com o divino. Nessa metáfora, início e fim podem, assim, se encontrar, da mesma forma que os cruzamentos e ruas de uma cidade. Ambos, a cidade e a festa, enfatizam o tempo, aquilo que é fugaz, tanto quanto inalterável. Nessa singularidade, a festa caracteriza aquilo que é efêmero e perecível, da mesma forma que nossa estadia nas urbes. De tal modo, ambas – a cidade e a festa – intercruzadas pela dimensão do sensível, por um *saber-fazer*, articulam, em meio às relações sociais, um comum “acordo” pela continuidade cultural de seus sujeitos, enquanto a própria sociedade legítima, valendo-se de reminiscências, assim como de dinamismos, os espaços para a manifestação de diversas identidades.
- 21 A formação da identidade social de um povo se estabelece através de processos de pertencimento, pelo reconhecimento dos sujeitos como agentes ativos na construção do processo histórico e pela memória coletiva de uma comunidade e de seus patrimônios. As mudanças de valores atribuídos a esses processos se dão por meio das diferentes narrativas estabelecidas pela pluralidade de sujeitos envolvidos na construção e na manutenção dessa memória, entre outros, em seus bens culturais. A memória e sua repercussão (processada pelos diferentes contextos históricos) conferem sentido e dinamizam constantemente a representação dos patrimônios em suas conjunturas. Desse modo, o “sentimento de pertencer a um lugar está condicionado ao reconhecimento da existência dos bens culturais e envolve a conformação das identidades e dos valores que orientam as práticas sociais de um povo.” (Figueira;

Miranda 2012:12). Afinal, “como prática social, os bens culturais adquirem valores que lhes são atribuídos gradativamente, em determinadas circunstâncias e ao longo do tempo, moldam sentidos e significados diversos” (Ibid. 2012:12).

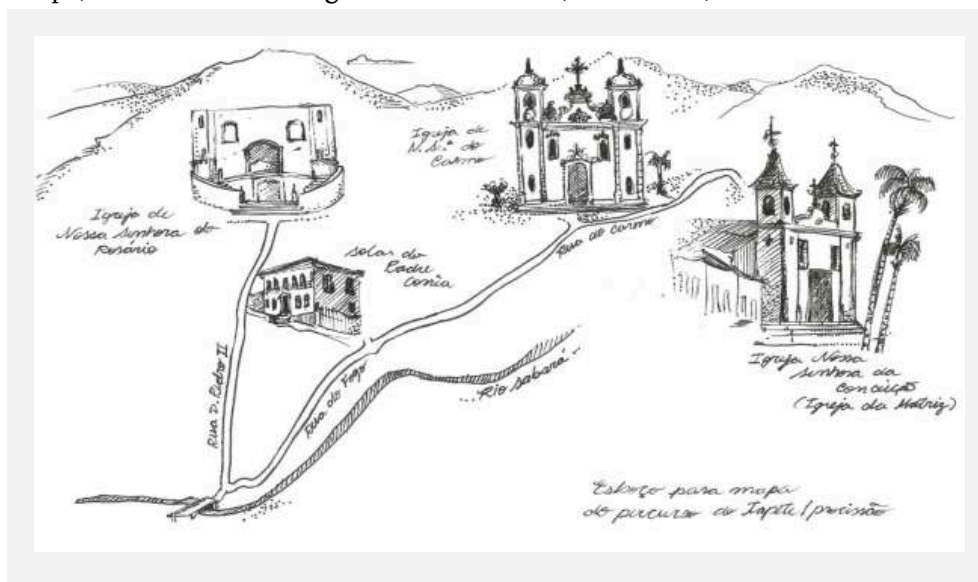


Figura 2 – O trajeto da procissão (mapas não oficiais).

FONTE: AUTORAL 2015.

- 22 A *cidade-palco*, também percebida enquanto espaço simbólico transformador de seus sujeitos, foi encontrada por meio da festa como um espaço para sua efetivação, pavimentada pelo drama e pelas performances conduzidas pelos calendários e vontades de seus detentores; por meio de ciclos abertos, que embolsam demandas sociais diversas; por meio de memórias, que nos chamam a atenção para o fato de coabitarem em um mesmo tempo cronológico, o que faz com que elas se ressignifiquem. Jacques Le Goff (1990) esclarece que as expressões artísticas, celebrações, ritos e lugares enfatizam os limites da memória, de sua permanência e esquecimento. A memória pode ser utilizada como meio simbólico para promover reflexões, e, por exemplo, transformar espaços em pontos de controle, no domínio do “recordar-esquecer” de um certo lugar ou evento. Cumpre lembrar que os desenhos feitos nas ruas por intercessão dos tapetes, na festa do *Corpus Christi*, na geografia da cidade, delineiam uma intervenção na espacialidade além dos mapas oficiais. Nota-se que, na ocasião da festa, a cidade é *desenhada* com a iconografia de uma única religião, um controle sobre o espaço com a imposição de seu palco, com os domínios de lugares bem demarcados por suas igrejas, e do tempo, por meio de suas festas. Como salienta o mesmo autor “[...] a intervenção dos detentores do poder na medida do tempo é um elemento essencial do seu poder: o calendário é um dos grandes emblemas e instrumentos do poder; por outro lado, apenas os detentores carismáticos do poder são senhores do calendário” (Le Goff 1990:486). Assim, a cidade mais uma vez aportava a “espetacularização da vida”, que “[...] na sua compreensão, é também *sociabilidade*: ela comporta atores, relações sociais, personagens, grupos, classes, práticas de interação e de oposição, ritos e festas, comportamentos e hábitos” (Pesavento 2007:14).
- 23 Ademais, àquela “cidade-sensível” citada pelas teorias de Pesavento (2007), também se entrecruzava às “cidades invisíveis” de Calvino, quando admitia que:

A cidade se embebe como uma esponja dessa onda que reflui das recordações e se dilata. [...]. Mas a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da

mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimões das escadas, nas antenas dos para-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento por arranhões, serradelas, entalhes esfoladuras. (Calvino 1979:7)

24

[N]A RUA, O SENTIDO DA FESTA

“Sobre a relação misteriosa de dois objetos tão diferentes entre si como o tapete e a cidade, foi interrogado um oráculo. Um dos objetos – foi a resposta – tem a forma que os deuses deram ao céu estrelado e às órbitas nas quais os mundos giram; o outro é reflexo aproximativo do primeiro, como todas as obras humanas”.

Ítalo Calvino

- 25 Mesmo que pareça comum estar diante de uma leitura urbana que se debruce sobre os ditames da desagregação, do distanciamento, do anonimato ou do caos, isso efetivamente não se aplica sobre uma pequena cidade, onde todos se conhecem e se mantêm presos a uma determinada coesão social, como é o caso de Sabará. Isso não significa percebê-la de forma a não constituir uma etnografia urbana de fato consistente; mas em compor uma pesquisa que empreenda essas diferenças a fim de contribuir com o campo e, sobretudo, que agregue às sociabilidades que a festa, em seu cerne, proporciona em dar, receber e retribuir, enquanto perspectiva maussiana das trocas, da dádiva (Mauss 2005). O que ressalta a cidade enquanto espaço das permutas, nas sociedades complexas, indiferente de sua escala.
- 26 No percurso investigativo que aconteceu durante o *Corpus Christi* em Sabará, percebi pontos comuns entre a cidade e a festa em seus processos antropológicos. Suas comunidades com seus sujeitos, interesses, encontros, histórias e lugares inauguravam-se, delimitavam-se ou ensinavam-se mutuamente à medida que risadas, comidas e conversas irrompiam a sobriedade presente na religiosidade dos ritos, em seu contexto de parcimônia. Como a cidade remete à própria criação da festa, na concepção da vida coletiva, ambas se encontravam e nesse encontro se definiam, de forma singular, como o resultado da interação de grupos e ideologias.
- 27 Em todos os anos desde o início de minhas pesquisas, em 2011, nas quartas-feiras que antecedem as festas do *Corpus Christi*, ao cair da noite, os moradores das ruas, onde ocorre a procissão, distribuem os materiais cedidos pela prefeitura e iniciam a montagem dos tapetes pela demarcação de seus espaços com desenhos. A iluminação noturna e a ajuda de visitantes, que oportunamente auxiliavam nas ornamentações, eram sempre bem-vindas. Por meio desse apoio, a comunidade retribuía as benfeitorias dos transeuntes com belos quitutes de bolos e broas, ou com caldos acompanhados por vinhos e chás. Nessa campanha, moldes de papel e madeira davam assistência para padronização das imagens construídas no chão. A sequência das cores e formas era previamente selecionada pelos mais velhos e ativos moradores dessas ruas, normalmente membros de antigas irmandades, como a Irmandade do Santíssimo Sacramento⁵. Com a movimentação e desgaste pelo decorrer das horas de trabalho intenso, os tapetes eram finalizados por volta das duas da madrugada. No entanto, com o passar dos anos, esse tempo se esticou e, em algumas ruas, os tapetes passaram a ser concluídos quase às quatro horas da madrugada, tendo a missa se iniciado às oito horas da manhã, da quinta-feira.



Figura 3 – “Tecendo” madrugada afora. Durante a noite que antecede a celebração, moradores e auxiliares se unem para a feitura dos tapetes pelas ruas da cidade.

Fonte: autoral 2015.

- 28 Diante dessas experimentações, obtive a possibilidade de alcançar a *urbe* em meio aos seus próprios fenômenos. Como Marcel Mauss (2003) sugere sobre o *fato social total*, pude conceber a cidade e seus sujeitos por intermédio de aprendizagens e das experiências pelas ruas, que me apresentaram Sabará como um local que reflete exatamente quem são seus habitantes, representando-os em sua *totalidade*. Suas memórias, oralidades e a transmissão de uma tradição pela observação da experiência dos mais velhos, que ao realizarem as ornamentações, compuseram a ressonância de uma cultura religiosa, e dos olhares jovens, que se configuraram como uma metáfora mesma sobre a cidade, “um palimpsesto de histórias contadas sobre si mesma, que revelam algo sobre o tempo de sua construção e quais as razões e as sensibilidades que mobilizaram a construção daquela narrativa” (Pesavento 2007:17).
- 29 No recriar dos passos de uma *caminhada ritual* (Sanchis 1983), ano após ano, a procissão expôs a partilha comum de uma fé, a mesma crença que pela devoção movimentou a feitura dos tapetes madrugada afora, unindo moradores e visitantes na elaboração estética de um trajeto religioso por Sabará. O que equivale acenar que

O trajeto do tapete é o da procissão, ou poderia dizer que o percurso da procissão é o trajeto do tapete, enfim, ambos se inscrevem no mesmo lugar e delimitam uma extensão do poder católico. Sua composição se inicia na Praça Mello Viana, localizada no centro da cidade, onde encontramos inacabada a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, local sede do início da celebração e procissão. Desse local, os tapetes coloridos enfeitam as ruas num trajeto bem delimitado: a procissão desce a Rua Dom Pedro II, vira à esquerda na Rua Comendador Viana (antiga Rua do Fogo), depois à direita na Rua do Carmo, segue pela Rua Marquês de Sapucaí e nessa

direção até a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição (Praça Getúlio Vargas) (Moreira 2017:78).

- 30 Nessa procissão, a destruição dos tapetes que ornavam as ruas, concomitante à caminhada dos párocos e devotos, me fizeram compreender que as “narrativas sobre a procissão redesenham uma cidade colonial que é, ao mesmo tempo, medida de unidade e diversidade do Reino Português” (Santos 2005:17). Com a multidão aglomerada na Praça Melo Viana, ao lado da Irmandade do Santíssimo, que adornada de vermelho, era acompanhada pela orquestra da cidade, que havia percorrido as ruas com o cortejo do *Corpo de Deus* (Santos 2005), iniciou-se a celebração com preces, canções e burburinhos, em meio às fumaças de incensos e de compridas velas acesas, que paramentavam a longa caminhada. Neste cenário, divisou o esboço de uma corpografia numa experiência coletiva e epifânica, que acirrava tanto adesões quanto tensões e silenciamentos.



Figura 4– Na procissão, a destruição dos tapetes de serragens. Em devoção, a caminhada prossegue pela Rua Comendador Viana (Antiga Rua do Fogo).

Fonte: autoral 2019.

- 31 Percebi os conflitos e os silenciamentos ao notar algumas lacunas que se sucediam no percurso da ornamentação de determinadas ruas de habitações residenciais. Alguns sujeitos pertencentes a vertentes religiosas distintas reconheciam e até permitiam que se fizessem enfeites e festas às suas portas. No entanto, outros não, por se tratar, em grande parte, de práticas culturais religiosas que não lhes agradavam, ou mesmo, por possuir, em seu cerne, contraposições em suas adorações, que muitas vezes contrariavam certos princípios dogmáticos. Nesse quesito, esses hiatos presentes nos adornos faziam reconhecer os limites dessas práticas, enfatizando as relações nos espaços da cidade e das festas, ou as rupturas sociais criadas por uma ornamentação

convencionada como comum a toda população sabarense, o que não se configurava como verdade.

- 32 Como foi dito, testemunhar a modificação da cidade e sua influência sobre a festa teve como conjectura perceber que a ausência dos tapetes; a mudança de um sujeito ou família, que há décadas habitava certa rua; a manutenção de um bem tombado, já que abordo uma cidade histórica; uma simples obra de saneamento no dia e local onde a festa se desenrolaria, poderiam apresentar bases para perceber transformações que desencadeariam imbricações entre festa e cidade – cidade e festa.
- 33 Na mediação entre as possibilidades e necessidades que se apresentam dentre lugares de memória (Nora 1993) e referências culturais, analisar a festa e o espaço que ela modifica; ou o espaço que, por sua vez, modifica a festa, isto é, a maneira como a festa modifica um povo ou como ele a transforma, provoca um movimento de reflexão sobre as interferências dinâmicas dos sujeitos e grupos na manutenção das tradições.



Figura 5 - A festa e a cidade. Aglomerados, dezenas de fiéis caminham em direção ao largo da Igreja de Nossa Senhora do Carmo.

Fonte: autoral 2019.

- 34 Nesse sentido, os meios pelos quais os sujeitos encontraram para se conectar com o que havia de efetivo em suas crenças e com a cidade, perduram, em detrimento aos fazeres, aos materiais e às propostas, pessoas e grupos, que mesmo distintos, operavam para um mesmo fim.

As criações simbólicas que compõem os tapetes de serragens conferem à festa a ideia do efêmero que, embora passível de apropriação e reprodução, representa algo criado pelo momento e para o momento, e, que denota, em sua composição, parte de uma cultura, a expressão popular e leiga concebida para a celebração (Moreira; Siman 2020:32).

- 35 Nessa operação, nesse “ofício”, na beleza dos ciclos festivos, sobrevive o enlace da cultura, da história e da cidade, que juntos simbolizam tanto o que se mantém perene

quanto o que se faz efêmero. Logo, embora detenha uma materialidade estanque, a cidade ainda é prófuga, tal como os tapetes que representaram sua festa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

- 36 Mais do que designar posições, suposições ou indagar conceitos à leitura das cidades, busco compreender suas compleições, valorizando suas formas, fenômenos, singularidades e crônicas. A partir de suas permanências concretas, das vidas que as delineiam ou desordenam em idas e vindas, exercito refletir sobre suas dinâmicas. Ainda subentendo a confluência das camadas de temporalidades, que nem sempre se mostram visíveis sensorialmente aos que não se esforçam em entrevê-las.
- 37 Da mesma forma que as cidades, as festas possuem caráter polifônico (e polissêmico). Ademais, as festas se utilizam dos espaços das cidades, ora os descaracterizando, ora lhes atribuindo outros sentidos, ora resgatando semânticas, por vezes esquecidas, sobre bairros, ruas, avenidas ou praças. Em outras palavras, as festas legitimam pertencimentos, confluências e hibridismos.
- 38 Em síntese, procurei articular minhas vivências e minhas inquietações sobre a porosidade das dimensões materiais e simbólicas presentes na tradição da festa de *Corpus Christi* na cidade de Sabará. Essa articulação evidenciou o ato de enfeitar os caminhos de uma procissão para a passagem do sagrado e de seu cortejo com tapetes coloridos e, igualmente, o que se percebeu na interlocução e identificação das modificações acontecidas na festa e na cidade. Corroboro sobre a importância da intersecção das práticas de cultura com os espaços públicos e do quanto a observação sensível ressalta a integração das produções culturais ao seu contexto como formas de pertencimento.
- 39 Por fim, empreguei um olhar antropológico, por vezes histórico, na pretensão de compreender os elementos capazes de auxiliar o aprendizado das culturas locais e integrar a comunidade ao entendimento de sua própria produção cultural. Por esse olhar, foi possível perceber o quanto a festa modifica a cidade e o quanto a cidade incorpora da festa. Também, nessa tentativa, ao contextualizar as práticas populares às especificidades das ruas da cidade, almejei guiar o olhar do leitor para além das portas, dos muros, das ladeiras e dos becos. Nesse sentido, quem sabe, tornar visível a maneira como os sujeitos elaboram e se apropriam das festas e dos espaços urbanos, compondo formas singulares, que efetivamente os vinculem a suas *urbes*, numa analogia coletiva de propósitos comuns.

BIBLIOGRAFIA

AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. 2012. “Para uma antropologia da festa: questões metodológico-organizativas do campo festivo brasileiro”. In: PEREZ, Léa Freitas [et al]. Festa como perspectiva e em perspectiva. Rio de Janeiro: Garamond. pp. 67-86.

- BARROS, José Márcio P. de M. 1996. 2 ou 3 questões sobre o olhar. Belo Horizonte. 2 f. Mimeografado.
- BENJAMIM, W. 1994. Obras escolhidas I – magia e técnica, arte e política. 7ª edição. SP: Editora Brasiliense.
- CALVINO, Ítalo. As Cidades Invisíveis. 1979. Disponível em: <https://monoskop.org/images/c/c7/Calvino_Italo_As_Cidades_Invisiveis.pdf>. Acesso em: 07 de maio de 2016.
- CERTEAU, Michel. 2005. A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes.
- FIGUEIRA, Cristina Reis; MIRANDA, Lílian Lisboa. 2012. Educação patrimonial no ensino de história nos anos finais do Ensino Fundamental: conceitos e práticas. São Paulo: Ed. SM (Somos Mestres).
- GOLDMAN, Marcio. 2003. “Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos. Etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia”. In: Revista de Antropologia. São Paulo: USP. V. 46 Nº 2: 445-472.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. 2005. “Ressonância, materialidade e subjetividade: As culturas como patrimônios”. Porto Alegre: Horizontes Antropológicos, jan-jul: 15-36.
- JACQUES, Paola Berenstein. 2009. “Corpografias Urbanas: A memória da cidade no corpo”. In: Velloso MP, Rouchou J, Oliveira C, organizadoras. Corpo: identidades, memórias e subjetividades. Rio de Janeiro: Mauad X, Faperj. pp. 129-139.
- LE GOFF, Jacques. 1990. História e memória. Tradução Bernardo Leitão, et all. Campinas: UNICAMP.
- MALINOWSKI, B. 1978. Argonautas do Pacífico Ocidental. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural.
- MAUSS, Marcel. 2003-2005. Sociologia e antropologia. São Paulo: Cosac & Naif.
- MERLEAU-PONTY, M. 1999. Phénoménologie de la perception. Paris: Gallimard. 1945. Trad. Carlos A.R. de Moura. Fenomenologia da Percepção. São Paulo: Martins Fontes.
- MOREIRA, Frederico Luiz; SIMAN, Lana Mara de Castro. 2020. “Festa, patrimônio vivo: reflexões sobre educação na feitura de tapetes do *Corpus Christi*”. Revista Memória em Rede: n. 12: 24-46.
- MOREIRA, Frederico Luiz. 2017. “Festa, cidade e educação: os tapeceiros do *Corpus Christi*” In: SIMAN, Lana Mara de Castro; MIRANDA, Sonia Regina. Patrimônio no plural: educação, cidades e mediações. 1ª ed. Belo Horizonte, MG: Fino Traço Editora. pp. 73-96.
- NORA, P. 1993. “Entre memória e história. A problemática dos lugares”. Projeto História, São Paulo: PUC. n. 10. pp. 7-28.
- PEREZ, Léa Freitas. 2011. Festa, religião e cidade: corpo e alma do Brasil. Porto Alegre: Medianiz.
- PESAVENTO, Sandra J. 2004. “Com os olhos no passado: a cidade como palimpsesto”. Esboços, Florianópolis. v. 11, n. 11: 25-30.
- _____. 2005. Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades. Nuevo Mundo Mundo Nuevos [En ligne], Colloques, mis en ligne le 04 février. Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/229>>. Acesso em: 27 de nov de 2015.
- _____. 2007. Cidades Visíveis, Cidades Invisíveis, Cidades Imaginárias. Rev. Bras. Hist. vol.27 no. 53. São Paulo Jan./Jun. p.p. 13. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v27n53/a02v5327.pdf>. Acesso em 12 de março de 2016.

SALLES, Fritz Teixeira de. 2007. *Associações religiosas no ciclo do ouro*. 2ª ed. São Paulo: editora Perspectiva.

SANCHIS, Pierre. 1983. *Arraial festa de um povo: as romarias portuguesas*. Lisboa: Dom Quixote.

SANTOS, Beatriz Catão Cruz. 2005. *O Corpo de Deus na América; a procissão de Corpus Christi nas cidades da América portuguesa – século XVIII*. São Paulo: Annablume.

SILVA FILHO, Antônio Luiz Macêdo. 2003. “A cidade e o patrimônio histórico”. Fortaleza: Secretaria da Cultura do Estado do Ceará: Museu do Ceará. (Cadernos Paulo Freire, 1).

SIMAN, Lana Mara de Castro; SILVA, Ana Maria; MOREIRA, Frederico Luiz. 2017. “Trilhar uma rua: muitas histórias visíveis, invisíveis e sensíveis”. In: *Memória e Patrimônio Cultural: contribuições para os estudos da localidade na educação básica*. 1ª ed. Belo Horizonte: Mazza Edições. v.1. pp. 51-77.

SIMAN, Lana Mara de Castro. 2013. “Cidade: um texto a ser lido, experienciado, recriado, entre flores e ervas daninhas”. In: MIRANDA, Sonia Regina; SIMAN, Lana Mara Castro. *Cidade, Memória e Educação*. Juiz de Fora: Editora UFJF. pp. 41-58.

NOTAS

1. *Corpus Christi* (*Corpo de Deus*) é uma festa canônica, uma data no calendário do cristianismo, adotada pela Igreja Católica, devotada à comemorar a presença *real* de Deus no sacramento da Eucaristia. A data da festa de *Corpus Christi*, no Brasil, é considerada um feriado nacional. A alteração, ou variação de sua data em cada ano é calculada como sendo a primeira quinta-feira após a *Festa da Santíssima Trindade*, ou mesmo sessenta dias depois do domingo de Páscoa. Sua comemoração acontece numa quinta-feira, em referência à *Quinta-Feira Santa*, que nas narrativas bíblicas, faz referência à última ceia dos seguidores de Cristo, os apóstolos, com Jesus, conhecida como *Eucaristia* (do grego, “ação de graças”). Na ceia, Cristo dá, simbolicamente, sua vida aos seus seguidores, assinalando para que comam o pão e bebam o vinho, que representam seu corpo e sangue, naquele momento, transformados em alimento da fé. A prática de ornamentar com os tapetes feitos de folhagens, serragens e outros diversos materiais que elucidam símbolos de devoção católica, nas vias da procissão, tem datação longínqua e remete, no Brasil, ao século XVIII. Na procissão dessa festa, clero e fiéis destroem os tapetes ao seguirem caminhando da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos onde se inicia até a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, o que compreendem dois quilômetros de extensão, parcialmente ornamentada.

2. Programa de Pós-Graduação em Educação e Formação Humana da Universidade do Estado de Minas Gerais – PPGE/UEMG – Mestrado em Educação - Linha de Pesquisa - *Culturas, Memórias e Linguagens em processos educativos*.

3. A *Rua Dom Pedro II* se inicia na final da Praça Melo Viana e termina quase às margens do Rio Sabará. Entre seus solares e casarios encontramos o Teatro Municipal (Casa de Ópera – 1819); a Casa Azul (ao nº 215); o Solar do Padre Corrêa (o Paço Municipal); o Solar de Dona Sofia (ao nº 72) e diversas casas coloniais. No trecho inicial da rua, “[...] até as esquinas da Rua Comendador Viana e da República, verifica-se conjunto de casas, em alvenaria de adobe com beiradas em cimalha de madeira, vãos emoldurados com vergas alteadas e sobrevergas trabalhadas com janelas tipo guilhotina”. *Rua Dom Pedro II: conjunto arquitetônico e urbanístico* (Sabará, MG). Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/ans.net/tema_consulta.asp?Linha=tc_hist.gif&Cod=1427. Acesso em: 05 de nov. 2015.

4. A Guerra dos Emboabas foi um conflito armado entre portugueses, imigrantes de algumas regiões brasileiras e paulistas (os bandeirantes), por conta da exploração das minas de ouro em Minas Gerais. De um lado, estava Borga Gato no comando dos bandeirantes paulistas, que queriam o controle das minas, na alegação de tê-las encontrado. Do outro, na liderança dos emboabas, estava Manuel Nunes Viana que derrotou os paulistas. Com a expulsão dos bandeirantes, a Coroa deteve o controle da exploração de ouro na região e os bandeirantes, por sua vez, buscaram na atual região do centro-oeste (Goiás e Mato Grosso) novas minas para extração. O apelido *emboabas* dado aos forasteiros pelos paulistas vem do Tupi “pássaro de pés emplumados”, uma analogia ao uso de botas pelos portugueses.

5. A Irmandade do Santíssimo Sacramento se estabeleceu em Sabará, no ano de 1710, tendo sua sede na Igreja da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, por intermédio dos homens brancos. Teve origem na ideia de ampliar o mistério do sacramento da eucaristia cristã, ainda no século XIII, ordenada pelo Papa Urbano IV que, pela festa do Santíssimo Sacramento, deu origem à irmandade e continuidade a essa devoção (Salles 2007).

RESUMOS

Este artigo procura, na experimentação e na exploração sensível, a aproximação dos e nos espaços da urbe por meio de perambulações realizadas pelo centro histórico de Sabará, em Minas Gerais, durante a feitura e a destruição dos tapetes de serragens, na festa católica do *Corpus Christi*. Visa constituir correlações entre a festa e a cidade como um possível cenário para perceber as poéticas presentes em seus entrecruzamentos. Por intermédio da polifonia das festas, uma investigação etnográfica foi desenhada, mediante olhares e vivências corporais sobre a porosidade nas camadas de experiências que se sobrepõem diante dos tempos e lugares da cidade. Assim, questiona-se o que as festas são capazes de delinear para além dos olhares que circundam as ruas em meio às dinamicidades, memórias e silêncios. Busca tornar visível a maneira como os sujeitos elaboram e se apropriam das festas e ruas, na pretensão de compreender elementos capazes de auxiliar o aprendizado das culturas locais e dos usos das cidades.

This article seeks, in experimentation and sensitive exploration, to bring together and in the spaces of the city through wanderings carried out by the historical center of Sabará, in Minas Gerais, during the making and destruction of sawdust carpets, at the Catholic celebration of *Corpus Christi*. It aims to establish correlations between the party and the city as a possible scenario to perceive the poetics present in their intersections. Through the polyphony of the feast, an ethnographic investigation was designed, through gaze and bodily experiences on the porosity in the layers of experiences that overlap before the times and places of the city. Thus, it is questioned what the parties are capable of outlining beyond the looks that surround the streets amid the dynamics, memories and silences. It seeks to make visible the way the subjects elaborate and appropriate the parties and streets, in the intention of understanding elements able of helping the learning of local cultures and the uses of cities.

ÍNDICE

Keywords: city, celebration, sawdust carpets, corpus christi, criss-crosses

Palavras-chave: cidade, festa, tapetes de serragens, corpus christi, entrecruzamentos

AUTOR

FREDERICO LUIZ MOREIRA

Doutorando em Antropologia Social - PPGAn

Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

E-mail : fredmoreir@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7475-1673>